

OS TRÊS DESTINOS DE UMA MESMA CASA

Uma manhã começa em uma típica cidade do interior paulista. Um homem na casa dos quarenta anos termina de se arrumar para sair. Escolhe a roupa, ajeita o cabelo e confere os documentos que levará consigo. Entre eles está a indicação do local e do horário em que deve se apresentar para começar em um novo emprego. Há cuidado em sua preparação para o primeiro dia no novo emprego.

A manhã recomeça. O mesmo homem aparece com outra roupa, outra maneira de pentear o cabelo e uma diferença discreta na barba. Os gestos se parecem, mas não são idênticos. Ele também confere os documentos enquanto se prepara para o mesmo compromisso. Uma terceira cena também repete a mesma situação com o mesmo homem. Apenas um acessório, a cor da camisa e a maneira de carregar os pertences o distinguem dos dois anteriores. Todos com a mesma idade, mesma profissão e a caminho do primeiro dia de trabalho. A relação entre eles permanece sem explicação.

O primeiro atravessa ruas conhecidas e chega a uma casa antiga. Uma árvore na calçada marca a proximidade da entrada. A fachada conserva uma janela de desenho particular, visível da rua. Ele entra como quem conhece o caminho. Seus pais ainda moram ali. A conversa começa antes que ele termine de atravessar a porta com uma pergunta sobre o novo trabalho.

Ele deixa seus pertences num lugar familiar e segue até a janela. Conhece o movimento necessário para abrir a trava emperrada. A luz e os sons da rua entram. Por um instante, ele olha para fora. A árvore ocupa uma parte da vista. É uma manhã como outra qualquer e seu gesto pertence aos hábitos que ele ainda pode retomar a cada visita.

Enquanto conversa com os pais, seus olhos percorrem o interior da casa, os objetos fora do lugar, as tarefas interrompidas, alguma coisa que precisa ser consertada. A presença dele cabe nessa rotina, mas a rotina prosseguirá quando ele sair. Ele aceita um café, acompanha parte de um assunto doméstico e olha o relógio. Precisa chegar ao novo emprego. Despede-se, recolhe seus pertences e volta para a rua.

O segundo homem se aproxima do mesmo endereço. As roupas e os detalhes do seu rosto são outros. A árvore permanece

diante da fachada, agora identificada como uma repartição pública. Ele entra para resolver uma pendência burocrática antes do compromisso profissional. Ele sabe onde está e o que precisa fazer. Procura o atendimento, apresenta um documento e aguarda as orientações de um funcionário.

O espaço começa a se revelar. O corredor tem a mesma extensão daquele que o primeiro homem atravessou. Uma abertura conduz à sala já vista, agora ocupada por mesas e arquivos. A janela já não é visível por dentro, pois um armário encostado na parede a encobre. A organização do atendimento determina onde ele deve esperar. Ele reconhece os velhos caminhos que já percorreu livremente, mas respeita o procedimento que lhe indicam.

Durante uma pausa no atendimento, comenta que nasceu naquela casa e viveu ali por muitos anos. O funcionário olha para ele, depois para o ambiente, como se tentasse sobrepor uma moradia às mesas de trabalho. Faz uma pergunta qualquer e o homem responde apontando na direção da janela escondida. O funcionário menciona que acha a janela bonita vista de fora, mas diz que ela não abre mais. A mão do homem esboça o movimento de destravar a janela, como se o corpo ainda lembrasse como abri-la. A conversa dura apenas o intervalo permitido pela tarefa em andamento.

O funcionário termina o procedimento e devolve os documentos. A vida da repartição continua: alguém espera sua vez, uma pessoa chama um colega, outra atravessa o corredor. O homem agradece. Antes de sair, olha mais uma vez para o interior. A casa está presente em cada detalhe reconhecível, embora nenhum desses detalhes o dispense das regras que valem para qualquer visitante. Ele sai e confere o horário. Também precisa chegar ao novo emprego.

O terceiro homem percorre a mesma rua. Está vestido de outra maneira. Passa diante da árvore e diminui o passo. A composição do espaço permite reconhecer o endereço, mas a casa desapareceu. Uma construção comercial ocupa o terreno. O acesso foi modificado e a fachada está irreconhecível. O movimento de entrada e saída obedece aos usos atuais do lugar.

Ele já conhece essa transformação. Seu olhar não procura uma explicação para o que aconteceu. Detém-se, por alguns instantes, no ponto onde a janela ficava. Depois acompanha a distância entre a árvore e a nova entrada. O espaço que

seus olhos percorrem parece guardar medidas que a construção atual não oferece. Uma pessoa passa por ele e entra. Ele se afasta um pouco para liberar a passagem.

A rua segue em atividade. O homem permanece próximo da árvore. Depois, olha para o prédio mais uma vez. Não há mais uma janela, nem um interior familiar que possa reconhecer através da porta de entrada. O endereço continua servindo a outras vidas. Ele ajeita seus pertences, verifica o horário e retoma o percurso até o novo emprego.

Agora, os três caminham. No início, cada versão ocupa planos separados, com tempo suficiente para reconhecermos suas roupas e acompanharmos a maneira como passa por aquele trecho da cidade. Aos poucos, os percursos passam a coincidir. Uma esquina, uma faixa de pedestres e a calçada seguinte reaparecem. As diferenças entre as figuras que caminham permanecem visíveis, mas a direção é a mesma.

A montagem aproxima os movimentos até torná-los contínuos. Um homem começa um passo e outro o completa. A posição do braço, o ritmo da caminhada e a direção do olhar atravessam o corte. A cada mudança, a roupa, o cabelo ou os acessórios parecem se transformar como por mágica, sem interromper o deslocamento. As três figuras tornam-se reconhecíveis como versões de uma mesma pessoa, forjadas também pelas diferentes relações com a velha casa.

O caminho desemboca no mesmo local de trabalho. As três versões chegam para iniciar a mesma função. Na passagem da entrada até a sala, a alternância continua. Um cumprimento é recebido, uma direção é indicada, e o homem segue até a mesa que ocupará. O ambiente ainda é novo para ele. Há outras pessoas trabalhando e uma rotina à qual ele terá de se incorporar.

Diante da cadeira, os gestos se completam entre as versões. Uma delas a puxa, outra começa a se sentar, a terceira termina o movimento. Ele acomoda seus pertences sobre a mesa. O enquadramento se estabiliza. Uma pequena diferença no conjunto da roupa impede identificar inteiramente a figura que permanece com qualquer uma das três aparências anteriores.

Por alguns segundos, ele observa o espaço à sua frente. Os sons do trabalho continuam. Seu corpo carrega o percurso, embora ninguém ali tenha acompanhado o que aconteceu antes

de sua chegada. Ele aproxima a cadeira da mesa e se prepara para começar. O filme termina nesse instante, com uma nova história ainda por viver.

Duração prevista até 20 minutos

Versão 01 - 14/07/2026